

• LÍNGUA E
LINGUÍSTICA

A CONVOCAÇÃO AFETIVA DO ENUNCIATÁRIO-LEITOR: UMA POSSIBILIDADE DE ANÁLISE DISCURSIVA

Eliane Soares de Lima*

Resumo: Entendendo a leitura do texto literário como um processo a partir do qual emerge a interação afetiva entre o enunciatário-leitor e os atores do enunciado, as personagens, a intenção do presente artigo é a de demonstrar, pela análise do conto “Negrinha”, de Monteiro Lobato, e com base no instrumental teórico-metodológico oferecido pela semiótica do discurso, que a configuração desse envolvimento patêmico é também passível de ser apreendida discursivamente.

Palavras-chave: Leitura. Interação. Afetividade.

ENTRE ENUNCIADOR E ENUNCIATÁRIO: UMA PARCERIA NA PRODUÇÃO DO SENTIDO

■ Como bem observa Barros (2001, p. 92), “enunciador e enunciatário são desdobramentos do sujeito da enunciação que cumprem os papéis atanciais [as funções discursivas] de destinador e de destinatário do objeto-discurso”. Enquanto o primeiro pode ser entendido como o destinador-manipulador, responsável pelos valores que sustentam o conteúdo do discurso e por seus modos de aparição no enunciado, o segundo seria, por sua vez, o destinatário-sujeito, que, ao responder pelo fazer persuasivo do enunciador, destaca-se como um coenunciador. Conforme destaca Bertrand (2003, p. 24):

Nessa perspectiva, o leitor não é mais aquela instância abstrata e universal, simplesmente pressuposta pelo advento de uma significação textual já existente, que se costuma chamar “receptor” ou “destinatário” da comunicação: ele é também e sobretudo um “centro do discurso”, que constrói, interpreta, avalia, aprecia, compartilha ou rejeita significações.

* Universidade de Franca (Unifran) – Franca – SP – Brasil. E-mail: eliane.lima@unifran.edu.br

O enunciatário-leitor, longe de figurar como ser passivo, somente recebendo e acatando as informações produzidas pelo enunciador, é, pois, como ente social dotado de saber cultural, um interpretante, o *páthos* do discurso, que responde sensível e cognitivamente, a partir de seu repertório enciclopédico, isto é, sócio-histórico, aos valores e aos sentidos impostos no momento do seu contato com o texto. É por isso que, ao construir o seu enunciado, a instância enunciante busca justamente gerenciar a interação do enunciatário com o enunciado e com os efeitos de sentido (passionais) suscitados a partir da estruturação discursiva.

No texto literário, isso é ainda mais relevante, mais cuidado. Segundo Jouve (2001, p. 39, tradução nossa):

É sobre o duplo plano emocional e intelectual que o sujeito se implica no universo literário.

O leitor tem, assim, uma parte ativa na criação das personagens: ele está ausente no mundo representado, mas presente no texto – e mesmo fortemente presente – enquanto consciência que percebe. Ele representa, para as figuras romanescas, o papel de testemunha e adjuvante¹.

É importante ressaltar que o enunciatário-leitor ao qual nos referimos neste artigo nada mais é que um “leitor-modelo” – para usar o termo adotado por Umberto Eco (1962, 1979, 1990, 1992) em seus estudos sobre o assunto –, ou seja, trata-se, sobretudo, de um simulacro construído e passível de ser depreendido com base nas peculiaridades poéticas do próprio enunciado, das estratégias enunciativas que, atentas à eficácia discursiva, estruturam o enunciado e caracterizam uma imagem de enunciatário. Referimo-nos aqui, portanto, a uma configuração discursiva resultante das especificidades próprias à escrita do autor, a um leitor implícito que, conforme explica ainda Jouve (2001, p. 19, tradução nossa), “não tem nenhuma existência real [...]; ele é o conjunto de estratégias textuais por meio das quais uma obra condiciona sua leitura”².

Da mesma forma, a interação afetiva do leitor com as personagens, de natureza responsiva, está relacionada à maneira de dizer assumida pelo enunciador, às estratégias discursivas e textuais que ele adota para a transmissão e sensibilização do conteúdo de seu discurso, delineando um modo próprio de apreender a significação do enunciado como um todo, de perceber, sensível e inteligivelmente, o que se passa. Tal interação não é, portanto, como pretendemos demonstrar ao longo da análise do conto “Negrinha”, de Monteiro Lobato, totalmente espontânea, mas, em parte, sugerida pela construção do enunciado, pela maneira de controlar a tensão, o ritmo, de apresentar os fatos, o espaço, o tempo e as personagens.

A interação afetiva do leitor-modelo com o discurso será, então, por nós examinada como construção discursiva, como resposta programada pelo trabalho poético do autor, no nível dos efeitos patêmicos produzidos a partir do percurso de leitura definido no texto, independentemente da individualidade dos diferentes leitores, da realização concreta ou não da interação afetiva ali prevista e,

1 Trecho original: “C'est sur le double plan émotionnel et intellectuel que le sujet s'implique dans l'univers littéraire. Le lecteur a ainsi une part active dans la création des personnages: il est absent du monde représenté, mais présent dans le texte – et même fortement présent – en tant que conscience percevante. Il joue, pour les figures romanesques, le rôle de témoin et d'adjuvant”.

2 Trecho original: “Le lecteur implicite n'a aucune existence réelle. [...] Le lecteur implicite, c'est l'ensemble des stratégies textuelles pas lesquelles une oeuvre conditionne sa lecture”.

assim, convocada – parte do que poderíamos conceber como um segundo nível de configuração da interpretação.

A proposta é situar a análise da convocação afetiva do enunciatário-leitor em um nível de recepção pressuposto, relacionado, como temos dito, ao leitor-modelo, ou, mais especificamente, ao que poderíamos chamar uma “leitura-modelo”, suscetível de ser apreendida a partir da forma poética própria ao enunciado examinado, e não ao leitor real, a sua interpretação concreta e individualizada. Conforme explica Jouve (2002, p. 44), “na leitura de um texto, o modo pelo qual o sentido está constituído é o mesmo para todos os leitores; é a relação com o sentido que, num segundo momento, explica a parte subjetiva da recepção”. O autor acrescenta: “cada leitor reage pessoalmente a percursos de leitura que, sendo impostos pelo texto, são os mesmos para todos” (JOUVE, 2002, p. 44); e adverte: “o trabalho do teórico será analisar como o sujeito reage a esse papel que lhe é proposto” (p. 53).

Nesse sentido, mais do que o conteúdo em si, é, como pretendemos demonstrar, a maneira como o enunciador escolhe para apresentá-lo ao enunciatário-leitor a responsável pelos efeitos passionais criados, pela reação, a resposta afetiva que este último expressa. Essa escolha de uma “maneira de dizer”, de “disponibilizar” o conteúdo e, consequentemente, os valores que o sustentam, diz respeito aos procedimentos de discursivização e textualização adotados pelo enunciador-autor no momento da construção do enunciado e aos efeitos de sentido então produzidos.

Tais estratégias integram, pois, o domínio de atuação da intencionalidade discursiva, “que, mesmo não se identificando nem com o [conceito] de motivação nem com o de finalidade, os subsume” (GREIMAS; COURTÈS, 2008, p. 267). Passíveis de gerenciar o envolvimento afetivo do enunciatário-leitor, por determinarem a forma específica pela qual ele toma conhecimento do que é dito, as estratégias discursivas e textuais respondem não só pela manifestação da estruturação semântico-sintática do texto literário, mas também, como a análise irá mostrar, pela predicação rítmico-tensiva que configura e sensibiliza a experiência estética no ato da leitura.

Para esclarecer, então, e melhor compreender como isso funciona, passaremos agora ao exame do conto escolhido para análise, lembrando que o objetivo principal é o de poder identificar e descrever as diferentes estratégias discursivo-textuais adotadas pelo enunciador-autor para garantir, a partir da articulação entre a apreensão inteligível e sensível do conteúdo narrado, a participação afetiva do enunciatário-leitor durante a leitura.

CONVOCAÇÃO AFETIVA E EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NA LEITURA DE “NEGRINHA”, DE MONTEIRO LOBATO

Ávido e crítico leitor, Monteiro Lobato concede a seu enunciatário toda a atenção. Submetendo a escrita à leitura, o autor preocupa-se com a experiência estética, com a articulação da “forma” e das “ideias”, do “dito” e da “maneira de dizer”, “tudo devendo estar voltado para a obtenção de um efeito que surpreenda o leitor” (BECKER, 2006, p. 34). Conforme explica o próprio Lobato (1951, p. 22):

É mister que venham de braço dado e em perfeito pé de perfectibilidade. Há pelo norte uns escritores de talento que só querem saber da idéia e deixam a

forma p'r'ali. Eu também já pensei assim – que a ideia era tudo e a forma um pedacinho. Mas apesar de pensar assim, não conseguia ler os de belas ideias embrulhadas em panos sujos. Por fim me convenci do meu erro e estou a penitenciar-me. Impossível boa expressão duma ideia se não com ótima forma. Sem limpidez, asseio de forma, a ideia vem embaciada, como copo mal lavado. E o pobre leitor vai tropeçando – vai dando topadas na má sintaxe, extraviando-se nas obscuridades e nas impropriedades.

De fato, no conto “Negrinha”, “ideia” e “forma” – esta última, entendida como “maneira de dizer” – entrelaçam-se “em perfeito pé de perfectibilidade”. O modo de compor a história é cautelosamente trabalhado, enriquecendo e ampliando a força do narrado por meio de efeitos de sentido que convocam a sensibilidade do enunciatário-leitor e o fazem participar da narrativa de forma ativa e apaixonada.

Assim, mesmo com o enunciado se configurando em um *ele-lá-então*, distanciado, portanto, do *eu-aqui-agora* da enunciação, o efeito de objetividade que lhe seria próprio, de alteridade em relação à situação narrada, enfraquece-se e dá lugar à possibilidade de um posicionamento afetivo, passional, resultante de uma sensibilização tônica, intensa. A própria narração em terceira pessoa é subjetivada, demonstrando, sobretudo pelo tom oral e irônico adotado pelo narrador, certa interação afetiva com o narrado.

A enunciação enunciada assume, pois, na figura de um narrador sarcástico, um papel tão importante quanto o das personagens. Ele não apenas conta a história, mas a sanciona, toma uma posição crítica, guiando a sensibilidade do enunciatário-leitor, seu narratário e, ao mesmo tempo, levando-o a apreender, sensível e inteligivelmente, o conteúdo narrado, a refletir sobre a ideia ali apresentada, como mostram os trechos a seguir:

Que ideia faria de si essa criança que nunca ouvira uma palavra de carinho? Pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, pata-choca, pinto gorado, mosca-morta, sujeira, bisca, trapo, cachorrinha, coisa-ruim, lixo – não tinha conta o número de apelidos com que a mimoseavam. Tempo houve em que foi a bubônica. A epidemia andava na berra, como a grande novidade, e Negrinha viu-se logo apelidada assim – por sinal que achou linda a palavra. Perceberam-no e suprimiram-na da lista. Estava escrito que não teria um gostinho só na vida – nem esse de personalizar a peste... (LOBATO, 2009, p. 79).

Varia a pele, a condição, mas a alma da criança é a mesma – na princesinha e na mendiga. E para ambos é a boneca o supremo enlevo. Dá a natureza dois momentos divinos à vida da mulher: o momento da boneca – preparatório –, e o momento dos filhos – definitivo. Depois disso, está extinta a mulher (LOBATO, 2009, p. 83).

Com uma estrutura narrativa aparentemente simples e sucinta, o conto pode ser dividido em três grandes etapas bem marcadas: 1. um *estado inicial*, cuja caracterização causa no enunciatário-leitor horror e piedade; 2. uma *transformação* desse estado inicial, a partir da qual se fortalece o vínculo com a personagem central, fazendo a piedade, efeito de um “sentir *por*”, transformar-se em compaixão, mais da ordem de um “sentir *com*”; e 3. um *estado final*, no qual se consolida a sanção, a interpretação moralizante da história.

Paralelo a esse percurso afetivo do enunciatário-leitor, originário no momento da leitura a partir dos efeitos de sentido produzidos no e pelo próprio enun-

ciado, estabelece-se um outro, também diretamente ligado às “etapas” da estrutura narrativa e com influência direta sobre a interação afetiva construída, mas que diz respeito, como veremos, à construção (existencial), à densidade de presença da personagem Negrinha no conjunto do discurso. Vejamos.

A história se inicia com a apresentação dos atores do enunciado e já nesse momento se indiciam as forças em conflito, a oposição axiológica de base que “animará” a narrativa.

Negrinha era uma pobre órfã de sete ano. Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados.

Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre velha esteira e trapos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças.

Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu. Entaladas as banhas no trono (uma cadeira de balanço na sala de jantar), ali bordava, recebia as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora em suma – “dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral”, dizia o reverendo.

Ótima, a dona Inácia.

Mas não admitia choro de criança. Ai! Punha-lhe os nervos em carne viva. Viúva sem filhos, não a calejava o choro da carne de sua carne, e por isso não suportava o choro da carne alheia. Assim, mal vagia, longe, na cozinha, a triste criança, gritava logo nervosa:

– Quem é a peste que está chorando aí?

Quem havia de ser? A pia de lavar pratos? O pilão? O forno? A mãe da criminosa abafava a boquinha da filha e afastava-se com ela para os fundos do quintal, torcendo-lhe em caminho beliscões de desespero.

– Cale a boca, diabo!

No entanto, aquele choro nunca vinha sem razão. Fome quase sempre, ou frio, desses que entangem pés e mãos e fazem-nos doer... (LOBATO, 2009, p. 78-79).

Dois estados, duas situações contrastantes se chocam e criam, de início, uma tensão axiológica: de um lado, a pobreza e subserviência da pequena órfã; de outro, a riqueza e soberania da viúva. Colocando-se como uma primeira estratégia de sensibilização, a apresentação de Negrinha toca o enunciatário-leitor porque as condições em que ela vive são totalmente contrárias ao que se espera para uma criança – mesmo sendo ela uma pequena escrava. Não bastasse isso, a descrição ironizada de D. Inácia mostra a falta de sensibilidade da “dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral” (p. 78), na qual Negrinha deveria encontrar algum conforto. Já nesse preâmbulo da história, a manifestação concessiva – porque contrária às expectativas – dos valores semântico-ideológicos em jogo, rompendo com o esperado para tais papéis temáticos, o de criança e o de religiosa, faz com que o enunciatário-leitor, podendo inferir a vida dura e de grande sofrimento de Negrinha, “sinta por” ela.

A narração continua e detém-se agora a descrever o cotidiano da pobre garota. O narrador esmera-se em fornecer todas as indicações necessárias para ca-

racterizar de maneira clara e adequada a atitude de extrema crueldade com que a tratavam. O enunciatário-leitor, já inicialmente sensibilizado, vai, então, pouco a pouco sendo apanhado pelo horror da situação tal como se configura.

Com pretextos de que às soltas reinaria no quintal, estragando as plantas, a boa senhora punha-a na sala, ao pé de si, num desvão da porta.

– Sentadinha aí, e bico, hein?

Negrinha imobilizava-se no canto, horas e horas.

– Braços cruzados, já, diabo!

Cruzava os bracinhos a tremer, sempre com o susto nos olhos. [...]

O corpo de Negrinha era tatuado de sinais, cicatrizes, vergões. Batiam nele os da casa todos os dias, houvesse ou não houvesse motivo. Sua pobre carne exercia para os cascudos, cocres e beliscões a mesma atração que o ímã exerce para o aço. Mãos em cujos nós de dedos comichasse em cocre, era mão que se descarregaria dos fluidos em sua cabeça. De passagem. Coisa de rir e ver a careta... [...]

Cocres: mão fechada com raiva e nós de dedos que cantam no coco do paciente. Puxões de orelha: o torcido, de despegar a concha (bom! Bom! Bom! gostoso de dar) e o a duas mãos, o sacudido. A gama inteira dos beliscões: do miudinho, com a ponta da unha, à torcida do umbigo, equivalente ao puxão de orelha. A esfregadela: roda de tapas, cascudos, pontapés e safanões a uma – divertidíssimo! A vara de marmelo, flexível, cortante: para “doer fino” nada melhor!

[...] Lá de quando em quando vinha um castigo maior para desobstruir o fígado e matar as saudades do bom tempo. Foi assim com aquela história do ovo quente.

Não sabem! Ora! Uma criada nova furtara do prato de Negrinha – coisa de rir – um pedacinho de carne que ela vinha guardando para o fim. A criança não sofreu a revolta – atirou-lhe um dos nomes com que a mimoseavam todos os dias.

– “Peste?” Espere aí! Você vai ver quem é peste – e foi contar o caso à patroa.

Dona Inácia estava azeda, necessitadíssima de derivativos. Sua cara iluminou-se.

– Eu curo ela! – disse, e desentalando do trono as banhas foi para a cozinha, qual perua choca, a rufar as saias.

– Traga um ovo.

Veio o ovo. Dona Inácia mesmo pô-lo na água a ferver; e de mãos à cinta, gozando-se na prelibação da tortura, ficou de pé uns minutos, à espera. Seus olhos contentes envolviam a mísera criança que, encolhidinha a um canto, aguardava trêmula alguma coisa de nunca visto. Quando o ovo chegou a ponto, a boa senhora chamou:

– Venha cá!

Negrinha aproximou-se.

– Abra a boca!

Negrinha abriu a boca, *como o cuco, e fechou os olhos. A patroa, então, com uma colher, tirou da água “pulando” o ovo e zás! Na boca da pequena. E antes que o urro de dor saísse, suas mãos amordaçaram-na até que o ovo arrefecesse. Negrinha urrou surdamente, pelo nariz. Esperneou. Mas só. Nem os vizinhos chegaram a perceber aquilo. Depois:*

– *Diga nomes feios aos mais velhos outra vez, ouviu, peste?* (LOBATO, 2009, p. 79-81, grifo nosso).

A alta densidade de presença dos valores disfóricos na conduta de D. Inácia chama a atenção para a ausência dos valores eufóricos próprios à caridade e piedade tão mencionadas por ela. Atuando como inflexão de tonicidade, de maior destaque, a descrição detalhada da maldade gratuita contra Negrinha configura-se em um percurso de intensidade crescente que culmina com a “história do ovo quente”.

As figuras que concretizam o trecho citado, sem expandir os horizontes de percepção do enunciatário-leitor e, conseqüentemente, o campo de interação estabelecido entre ele e aquilo que lhe é contado, recrudescem o *quantum* de crueldade retratado, concentrando a tensão e criando para a situação narrada um valor de impacto. Ou seja, o desdobramento figurativo, ao atuar como um processo de iconização da impiedade, rompe totalmente com o esperado e choca, horroriza o leitor, levando-o quase a sentir na própria carne o sofrimento, a dor da personagem.

De qualquer maneira, se atentarmos à composição figurativa da cena narrativa em questão, vemos que a sensibilidade convocada por essa descrição privilegia a atrocidade da situação, do comportamento da Sinhá, mais do que a sua repercussão em Negrinha, que, resignada a sua condição de “coisa”, sujeita-se à bárbarie de forma passiva – como mostram os trechos grifados. Mesmo se em alguns momentos a apreensão do que se passa seja sensível – quando a descrição, ao explorar o máximo de precisão icônica, de efeito veridictório, chega a ter um apelo estésico –, instigando a sensibilidade do enunciatário-leitor e permitindo-lhe *prever* claramente as sensações, o impacto da atitude das pessoas da casa sobre Negrinha, o elo afetivo entre ela e o leitor permanece caracterizado como um “sentir *por*” piedoso, de caráter mais inteligível, uma vez que, sem indicações explícitas do que se passa no íntimo da pequena, o sofrimento vivido por ela é inferido, imaginado com base em um posicionamento moralizante do acontecido, sobre o qual recai o acento de sentido.

A interação entre o sujeito que sofre, a pequena órfã, e o sujeito que testemunha esse sofrimento, o enunciatário-leitor, não é, portanto, direta, ela é mediada pelo acontecimento em questão que desperta, sobretudo, a imaginação do enunciatário-leitor. É a partir dos acontecimentos narrados que ele imagina, *deduz* o padecimento da menina, e não do que constata claramente. Daí o vínculo afetivo pelo “sentir *por*”, de natureza mais inteligível, do que pelo “sentir *com*”, mais sensível.

A passividade de Negrinha diante desse comportamento que a coisifica e a falta de conhecimento sobre o que se passa em seu interior conservam a assimetria de lugares entre ela e o enunciatário-leitor, que, desse modo, embora possa sentir *como* ela, nessas circunstâncias, não o sente *com* ela. A subjetividade evocada é produto da apreensão do evento, mais do que da interação direta estabelecida com o padecimento da personagem. Apoiando-se, então, em seu próprio

ponto de vista sobre a circunstância narrada, o sofrimento pelo qual passa a menina é deduzido, e o *crer-saber*, responsável pela configuração do pesar suscitado, alimenta, por conseguinte, uma interação menos intensa entre o leitor e Negrinha. Isso muda, no entanto, no momento da “história do ovo quente” – ponto máximo da vilania, clímax da impiedade.

Sempre atento àquele a quem a história se dirige, e aos efeitos que o devem assaltar, o narrador conduz a explanação do relato desse episódio de modo a incitar no enunciatário-leitor a mesma tensão prévia pela qual passa a pequena. Os elementos vão sendo narrados um a um – a truculência e a falta de humanidade já conhecidos, o ovo, a água quente, o prazer nos olhos –, alongando e tonificando a espera agora sensibilizada, patemizada. A certeza de um porvir disfórico é, assim, partilhada. Nesse instante, personagem e leitor são um só, ambos tomados pela tensão e pelo medo. A interação entre eles é, portanto, mais forte, imediata, e, por isso, quando enfim chega o atroz castigo, explode o pesar do enunciatário-leitor, que, em plena sincronização sensível com Negrinha, “sente *com*” ela.

Essa primeira fusão sensível entre o enunciatário-leitor e a personagem intensifica a interação afetiva entre eles, como se a assimetria de lugares antes bem demarcada se dissolvesse e, com o acento de sentido recaindo dessa vez sobre a tensão prévia vivida e o pavor que vai aos poucos se configurando para ambos, certa cumplicidade se estabelecesse. A perspectiva narrativa também se modifica nesse momento do relato, e o narrador passa agora a dar maior realce à interioridade da personagem, com as situações sendo apresentadas do ponto de vista de Negrinha.

O acento de sentido colocado antes sobre a situação narrada incide, a partir de então, mais exclusivamente sobre a figura da menina, sobre sua subjetividade, permitindo uma interação mais intensa entre ela e o enunciatário-leitor. Além disso, ao adotar esse tipo de representação mais subjetiva dos fatos, a figura se particulariza, pois não se trata mais de *uma* criança apenas, mas de Negrinha.

Ademais, como acontecerá no próprio conteúdo narrativo, tem início também para o enunciatário-leitor o processo de humanização da personagem. Sua ingenuidade pueril, apenas latente anteriormente, vem à tona com mais força, sensibilizando ainda mais a narrativa e transformando o “sentir *por*” piedoso em um “sentir *com*” compassivo.

Certo dezembro vieram passar as férias com Santa Inácia duas sobrinhas suas, pequenotas, lindas meninas louras, ricas, nascidas e criadas em ninho de plumas.

Do seu canto na sala do trono, Negrinha viu-as irromperem pela casa como dois anjos do céu – alegres, pulando e rindo com a vivacidade de cachorrinhos novos. Negrinha olhou imediatamente para a senhora, certa de vê-la armada para desferir contra os anjos invasores o raio dum castigo tremendo.

Mas abriu a boca: a sinhá ria-se também... Quê? Pois não era crime brincar? Estaria tudo mudado – e findo o seu inferno – e aberto o céu? No enlevo da doce ilusão, Negrinha levantou-se e veio para a festa infantil, fascinada pela alegria dos anjos.

Mas a dura lição da desigualdade humana lhe chicoteou a alma. Beliscão no umbigo, e nos ouvidos, o som cruel de todos os dias: “Já para o seu lugar, pestinha! Não se enxerga?”

Com lágrimas dolorosas, menos de dor física que de angústia moral – sofrimento novo que se vinha acrescer aos já conhecidos – a triste criança encorajou-se no cantinho de sempre (LOBATO, 2009, p. 81, grifo nosso).

Nesse trecho, a inocência de Negrinha emerge no discurso com toda intensidade, tonificando a oposição com os valores semânticos manifestados pela descrição das meninas – totalmente contrastantes àqueles que caracterizaram a pobre órfã no início do conto – e, consequentemente, a interação afetiva estabelecida entre ela e o enunciatário-leitor. A tensão semântica produzida pela constatação da ingenuidade da pequena patemiza a compreensão do enunciatário-leitor quanto ao impacto da atitude desalmada de D. Inácia para com a menina, que, da maneira mais cruel, dá-se conta da “dura lição da desigualdade humana” (p. 81). Aí se inicia o processo de conscientização de Negrinha.

Após ter retratado a crueldade e a hipocrisia de D. Inácia em toda a sua tonicidade, com a pobre órfã subjugada ao estatuto de coisa, a narração muda de rumo para enfatizar, dessa vez, o íntimo da menina, a descoberta de si mesma e o próprio horror em relação ao modo como era tratada. Sua inocência e ingenuidade entram em cena a partir daí com maior destaque, chamando inclusive a atenção da própria Negrinha. A chegada das meninas dá início, assim, à transformação pela qual passará a personagem, à sua humanização, assinalada na opção pelo uso do discurso indireto livre – estratégia privilegiada para a manifestação da interioridade das personagens e o estabelecimento da cumplicidade entre eles e o enunciatário-leitor.

– Brinquem! Brincar! Como seria bom brincar! – refletiu com suas lágrimas, no canto, a dolorosa martirzinha, que até ali só brincara em imaginação com o cuco.

[...]

Que maravilha! Um cavalo de pau!... Negrinha arregalava os olhos. Nunca imaginara coisa assim tão galante. Um cavalinho! E mais... Que é aquilo? Uma criancinha de cabelos amarelos... que falava “mamã”... que dormia... (LOBATO, 2009, p. 81-82).

Nesse processo de conscientização, o elo afetivo entre ela e o enunciatário-leitor solidifica-se, configurando um *crer-saber* tônico, uma vez que o sofrimento não é mais *inferido*, ele é *manifestado* e pode, por isso mesmo, ser compartilhado. A cumplicidade estabelecida é – tal como aconteceu “na história do ovo quente” – claramente explorada no momento ápice dessa fase de descoberta, mostrando, mais uma vez, a maestria do narrador para garantir a participação ativa de seu enunciatário, o seu envolvimento afetivo com a história narrada.

E dominada pelo enlevo, num momento em que a senhora saiu da sala a providenciar sobre a arrumação das meninas, Negrinha esqueceu o beliscão, o ovo quente, tudo, e aproximou-se da criatura de louça. Olhou-a com assombrado encanto, sem jeito, sem ânimo de pegá-la. [...]

– Pegue!

Negrinha olhou para os lados, ressabiada, com o coração aos pinotes. Que ventura, santo Deus! Seria possível? Depois pegou a boneca. E muito sem jeito, como quem pega o Senhor menino, sorria para ela e para as meninas, com assustados relanços de olhos para a porta. Fora de si, literalmente... era como se penetrara no céu e os anjos a rodeassem, e um filhinho de anjo lhe tivesse vindo adormecer ao colo. Tamanho foi o seu enlevo que não viu chegar a patroa, já de volta. Dona Inácia entreparou, feroz, e esteve uns instantes assim, apreciando a cena.

Mas era tal a alegria das hóspedes ante a surpresa extática de Negrinha, e tão grande a força irradiante da felicidade desta, que o seu duro coração afinal bambeou. E ela pela primeira vez na vida foi mulher. Apiedou-se.

Ao percebê-la na sala Negrinha havia tremido, passando-lhe num relance pela cabeça a imagem do ovo quente e hipóteses de castigos ainda piores. E incoerentes lágrimas de pavor assomaram-lhe aos olhos.

Falhou tudo isso, porém. O que sobreveio foi a coisa mais inesperada do mundo – estas palavras, as primeiras que ela ouviu, doces, na vida:

– Vão todas brincar no jardim, e vá você também, mas veja lá, hein?

Negrinha ergueu os olhos para a patroa, olhos ainda de susto e terror. Mas não viu mais a fera antiga. Compreendeu vagamente e sorriu (LOBATO, 2009, p. 82-83).

Se Negrinha é dominada pelo deslumbramento causado pela boneca, esquecendo os beliscões, o ovo quente e toda a vilania da Sinhá, o enunciário-leitor tem ainda vivo em sua memória tudo isso, desesperando-se por ela e por sua ousadia em desafiar a própria sorte. Instaure-se, portanto, uma aceleração antecipadora que converte o “não ainda” em um “já” fantasmático (ZILBERBERG, 2006), passionalizando o desenrolar da ação pela criação de certo suspense, uma espera expectante do porvir disfórico.

A descrição detalhada do êxtase da pequena, todavia, desacelera o evento, atenuando a tensão criada e permitindo ao leitor a partilha da emoção de Negrinha, de seu encantamento nesse momento epifânico. Há uma suspensão da expectativa disfórica em prol da beleza daquele instante. Mas a aparição de D. Inácia os faz despertar do enlevo, provocando o susto, o medo e mesmo o pânico, primeiro para o enunciário-leitor, a quem a informação é dada antecipadamente – “Tamanho foi o seu enlevo que não viu chegar a patroa, já de volta” (p. 82) – e depois para a personagem.

Ao jogar com a sequência, com a apresentação cronológica dos fatos, o narrador, antes de descrever o que sentira a menina ao se dar conta da presença da “boa senhora”, continua a explorar a sensibilização evocada no enunciário-leitor, levando-o a sentir os acontecimentos como se fizesse parte deles, tal como a pobre órfã. Tomado pelo medo do castigo fácil de ser previsto, ele também fica surpreso pela atitude concessiva da Sinhá, que “pela primeira vez na vida foi mulher. Apiedou-se” (p. 82).

A partilha desse momento de angústia é constatada quando o narrador enfim relata o que se passara pelo íntimo de Negrinha ao ser “pega em flagrante”: “Ao percebê-la na sala Negrinha *havia tremido*, passando-lhe num relance pela cabeça a imagem do ovo quente e hipóteses de castigos ainda piores” (p. 82, grifo

nosso); e a descrição de sua surpresa tem, para o enunciatário-leitor, que há pouco vivera a mesma sensação de pânico, um significado sensível. A opção pelo uso do passado mais que perfeito, nesse trecho, reafirma a sincronia passional anteriormente estabelecida.

O comportamento surpreendente de D. Inácia, além disso, tonifica e, conseqüentemente, sensibiliza ainda mais aquele instante do contato com a boneca, deixando claras “a força irradiante da felicidade” de Negrinha e a importância dele na transformação, na descoberta existencial da menina. Mas a continuação da narrativa, sempre explorando o conflito entre contrários, instaura o paradoxo: a consciência da vida lhe traz a morte.

Negrinha, coisa humana, percebeu nesse dia da boneca que tinha uma alma. Divina eclosão! Surpresa maravilhosa do mundo que trazia em si e que desabrochava, afinal, como fulgurante flor de luz. Sentiu-se elevada à altura de ente humano. Cessara de ser coisa – e doravante ser-lhe-ia impossível viver a vida de coisa. Se não era coisa! Se sentia! Se vibrava!

Assim foi – e essa consciência a matou.

[...]

Brincara ao sol, no jardim. Brincara!... Acalentara, dias seguidos, a linda boneca loura, tão boa, tão quieta, a dizer mamã, a cerrar os olhos para dormir. Vive-ra realizando sonhos da imaginação. Desabrochara-se de alma.

Morreu na esteirinha rota, abandonada de todos, como um gato sem dono (LOBATO, 2009, p. 83).

A ligação concessiva, porque contrária à expectativa, entre os valores semânticos de vida e morte, além da força de sensibilização, leva o enunciatário a (re)viver a experiência de Negrinha, que, depois de sentir a vida em toda a sua plenitude, morre. Consciente da possibilidade de impacto pela combinação concessiva dos fatos, o narrador explora as modulações do ritmo narrativo envolvidas no modo de inserção dos valores e inverte a sequência cronológica, apresentando a consequência – na qual recai o acento de sentido – para somente depois explicar o “caminho” até ela. Ele extingue a extensidade da explanação, acelerando a aparição da grandeza semântica contrária, a morte, e aumenta a densidade do efeito de impacto sobre o enunciatário-leitor, para depois expandir o conteúdo narrativo, enfraquecendo a tensão em um movimento de restabelecimento da apreensão inteligível.

Os procedimentos de textualização do conto, próprios à apropriação das potencialidades da língua na manifestação do conteúdo, também convergem para esse efeito de controle do andamento rítmico e de gerenciamento dos efeitos passionais produzidos, seja na utilização de frases curtas, em períodos diferentes, para alongar a espera expectante, criando o efeito de suspense e aumentando a tensão – como acontece nos dois momentos de maior sincronização sensível entre Negrinha e o enunciatário-leitor –, seja no uso da pontuação como recurso de ênfase para o sentido das ações descritas, das palavras escolhidas para a concretização da “ideia”.

Adepto à concisão, à concentração da informação no que de fato importa, todos os recursos, as escolhas que marcam a escrita lobatiana têm, como esperamos ter demonstrado, um valor, um papel fundamental na produção dos efei-

tos de sentido buscados, na convocação da sensibilidade do enunciatário-leitor e na sua articulação ao processamento inteligível, na apreensão e interpretação do conteúdo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise mostrou que a interação afetiva estabelecida entre o enunciatário-leitor e a personagem, por meio da experiência estética, durante a leitura, está, de fato, intimamente relacionada à composição do texto como um todo, podendo então ser descrita em suas condições linguageiras. Assim, mesmo a convocação do sensível e do inteligível, própria à configuração da intersubjetividade que faz surgir as paixões no instante do contato com o texto, da interação com o enunciado no ato de apreensão-interpretação do conteúdo discursivo, pode encontrar explicação no seio da atividade de enunciação, da práxis enunciativa.

Nesse sentido, não estamos, todavia, desconsiderando o aspecto subjetivo e singular da interpretação, da interação própria e concreta com o discurso e com os valores por ele veiculados, diferentemente caracterizada segundo a variação do repertório sociocultural, contextual, de cada leitor em determinada época. O que fizemos foi deter a análise no nível de recepção pressuposto, relacionado, como dissemos no início, ao “leitor-modelo”, ou, mais especificamente, ao que poderíamos chamar uma “leitura-modelo”. Trata-se, portanto, do exame de uma convocação afetiva que é prevista pelo enunciador, a qual se delinea no percurso de leitura inscrito no texto pelo trabalho poético do autor e que, de um lado, pode ou não se concretizar no momento da leitura individual de determinado leitor e, de outro, enriquece-se com a experiência pessoal de cada um deles.

Dirigir as estratégias de apresentação do narrado, dos seres, do espaço e do tempo que o tornam “vivo”, por meio dos procedimentos de discursivização e textualização, é, pois, influir diretamente nas condições do envolvimento afetivo do enunciatário-leitor no momento da leitura. Isso legitima a análise propriamente discursiva desse tipo de recepção, colocando ao analista o desafio de depreender, no estilo individual, os procedimentos enunciativos implícitos ao modo de representação assumido pelo autor, o qual, ao determinar, conforme procurou demonstrar a análise, o modo de acesso ao universo diegético, apresenta-se como peça-chave para a compreensão (formalizada), de um lado, da sensibilização emocional configurada, e, de outro, da resposta passional passível de ser manifestada no momento da leitura.

THE AFFECTIVE CALL OF THE READER: TOWARDS A DISCURSIVE ANALYSIS

Abstract: Understanding reading of literary texts as a process from which emerges the affective interaction between the reader and the characters of the utterance, this paper aims to demonstrate that even this emotional attachment is likely to be inferred discursively. In order to illustrate how it happens, we will examine, in the framework of discursive semiotics, the enunciation strategies in Monteiro Lobato's short story “Negrinha”.

Keywords: Reading. Interaction. Affection.

REFERÊNCIAS

- BARROS, D. L. P. *Teoria do discurso*. Fundamentos semióticos. São Paulo: Humanitas, 2001.
- BECKER, E. R. *Forças motrizes de uma contística pré-modernista: o papel da tradução na obra ficcional de Monteiro Lobato*. 2006. 183 p. Tese (Doutorado em Letras)–Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- BERTRAND, D. *Caminhos de semiótica literária*. Bauru: Edusc, 2003.
- ECO, H. *Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva, 2005 [1962].
- ECO, H. *Lector in Fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004 [1979].
- ECO, H. *Os limites da Interpretação*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004 [1990].
- ECO, H. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1993 [1992].
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008.
- JOUBE, V. *L'effet-personnage dans le roman*. Paris: Presse Universitaire de France, 2001.
- JOUBE, V. *A leitura*. Tradução Brigitte Hervot. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- LOBATO, M. *Prefácios e entrevistas*. São Paulo: Brasiliense, 1951. v. 13.
- LOBATO, M. *Negrinha*. São Paulo: Globo, 2009.
- ZILBERBERG, C. *Razão e poética do sentido*. Tradução Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Beividas. São Paulo: Edusp, 2006.

Recebido em fevereiro de 2015.

Aprovado em outubro de 2015.